

Fernando Pessoa

I — O facto fundamental que nos é permitido observar na existência...

I

O facto fundamental que nos é permitido observar na existência é o existir nela, como sua essência, um sujeito e um objecto. Não conhecemos outro modo de ser que um em que haja uma coisa que tem consciência e outra coisa de que se tem consciência. Tão impossível é conceber uma existência impensada, insensível, como um pensamento sem objecto. (Tão impossível é, que nos mais [...] sistemas da metafísica Deus se pensa *a si*, quer dizer é o *objecto* dos seus pensamentos, objecto ainda assim).

Nota: Portanto a crença na realidade absoluta do objecto é puramente metafísica como a de crer na realidade absoluta do sujeito

O fundamento da ciência é pois a existência de um sujeito e de um objecto. Pertence ao filósofo das ciências constatar este facto; não lhe pertence analisá-lo, nem perguntar o que são, em que íntima e absoluta relação se encontra esse sujeito e esse objecto. Investigações dessa ordem pertencem, como veremos, à metafísica. A existência dum sujeito e dum objecto é a fronteira nítida dos países da metafísica e da ciência. Para cá a observação, a experimentação e o raciocínio sobre elas; para lá raciocínio puro.

A suprema abstracção da nossa experiência é pois esta: existência dum sujeito e dum objecto e duma relação entre eles.

(Assim a ciência não deve nunca ignorar que não pode passar este limite, e que a sua base é um mistério. A ciência não é — devemos lembrar-nos disso sempre — a verdade absoluta, mas a verdade absolutamente relativa).

II

A natureza íntima do sujeito e do objecto não sabemos nem cientificamente podemos saber. Quanto às suas relações, isto é, às suas relações aparentes alguma coisa podemos investigar, porque essas relações são o mundo. Já o

dissemos quando vimos que o mundo consiste de sujeito, objecto, e relações entre eles. Do sujeito e objecto conhecemos apenas a existência, que eles existem.

A base dessa realidade é a multiplicidade. Há muitos *sujeitos* e muitos *objectos*.

(Objectar-nos-ão aqui: «Dizeis que há muitos sujeitos e muitos objectos. Antes dissestes que o supremo absoluto era *um* sujeito, e *um* objecto. Ora a realidade dá *muitos* sujeitos e muitos objectos. A última que os torna em um não é metafísica?» Não. Nós só dizemos um porque não há outro modo de dizer. O mundo implica sujeito e objecto e relação entre estes.

Pode ser que esse sujeito seja múltiplo em si mesmo, pode ser que esse objecto também o seja; pode ser que seja *um*. Mas *isso* é que pertence à metafísica. Decidir se *em si* sujeito e objecto é *um* ou *muitos*, pertence à metafísica e não à ciência ou à filosofia dela.

Reparemos bem, nós não sabemos se há muitos sujeitos; pode ser que seja *um* sujeito em cada um.

Parece evidente que a matéria *sendo* uma só, o espírito seja também só um.

Se a Ciência provar que se pode transformar «matéria» em «força» — o resultado será só em que força e matéria são ambos *matéria*, Visto que o sujeito não se pode converter no objecto, o exterior no interior. É impossível. Matéria e espírito — eis o dualismo imudável — inconvertível. Não há matéria sem espírito, nem espírito sem matéria. É a frase de Büchner — e se trocarmos força por espírito o [...] já sabemos porque é.

Não sabemos *como* se dão as relações do sujeito e objecto.

Sabemos (1) que existem;

(2) que são (para nós) fundamentalmente *diferentes*.

1915?

Textos Filosóficos . Vol. II. Fernando Pessoa. (Estabelecidos e prefaciados por António de Pina Coelho.) Lisboa: Ática, 1968: 224.